



REFLEXÃO SOBRE A IMAGINAÇÃO E CRIATIVIDADE NA PRÁTICA ESCOLAR

Jacqueline Lorrane Brugalli Chagas Cagliari¹
Marina Assis Pinheiro²

INTRODUÇÃO

A imaginação tem sido estudada desde a antiguidade por filósofos como Aristóteles e Platão. Aristóteles referia a imaginação como um conhecimento que vêm dos sentidos, das experiências transformadas em imagens (*phantasma*). Este autor separava a *phantasia* em passiva e ativa a partir do desejo de realizar algo; antecipar o desejo antes da ação. Deste modo, os sentidos se transformariam em imagens; proporcionando uma matéria ao intelecto. Já Platão aludia a imaginação um grau menor de conhecimento (KUBISZESKI, 2013; ZITTOUN; CERCHIA, 2013).

Para outros autores como Kant este processo era visto como intermediário da relação entre a percepção e o conceito, sendo a ligação das ações aos pensamentos. Este autor também procurou diferenciar a imaginação em: (i) imaginação reprodutiva, que seria a habilidade de representar objetos em sua ausência, relacionando/conectando a memória à percepção; e (ii) imaginação criativa, que se relaciona à realidade e combina imagens de diversas maneiras. Esse modelo de distinção foi utilizado por outros autores posteriormente (ZITTOUN; CERCHIA, 2013).

Grande parte das teorias que envolvem o conceito de imaginação estão ancoradas na noção de Peirce (1877, apud ZITTOUN; CERCHIA, 2013) de ruptura devido ao fato de acreditarem que esse processo está envolvido em um fluxo de ruptura do pensamento. Deste modo, essas teorias consideram a imaginação como um processo que possibilita a reflexão sobre o pensamento e a realidade, no qual seria capaz de conectar a experiência humana fragmentada.

Segundo Zittoun e Cerchia (2013), a imaginação possibilita observar as experiências e vivências de modo mais estável devido ao fato de preencher as lacunas

¹ Doutoranda pelo Curso de Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, jacqueline.brugalli@ufpe.br;

² Professora orientadora: Pós-Doutora, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, marina.pinheiro@ufpe.br;



entre os sentidos e as imagens do mundo. Como exemplo esses autores remetem à compreensão de histórias quando os quadrinhos são apresentados de modo “aparentemente” desconectados para os sujeitos. Destarte, o preenchimento das lacunas é necessário para a compreensão do mundo. Em linhas gerais, essas teorias se baseiam no fato de o fluxo do pensamento ser fragmentado e a imaginação funcionar como um “laço” que conecta essa ruptura entre a experiência no mundo e o curso do pensamento no qual o professor deve utilizar deste processo para ampliar, refletir e transformar as práticas vividas no ato de lecionar.

Deste modo a imaginação é base para as demais atividades humanas e componente cultural importante da vida do sujeito já que possui livre acesso para as experiências sociais (ZITTOUN; CERCHIA, 2013). À luz da imaginação, Zittoun e Saint-Laurent (2015) a referem como mudança – transformação – das experiências afetivas, da relação com os outros e dos aspectos da identidade. Deste modo, é possível pensar a imaginação como um processo de desenvolvimento que define as condições sob o qual pode ser reconhecido o processo criativo.

Uma abordagem sociocultural da criatividade entende esse processo como uma comunicação interativa e intersubjetiva advinda da relação entre o self, a outridade, o objeto e o signo. Zittoun e Saint-Laurent (2015) aludem a criatividade como um modo de agir em si mesmo e no mundo, em objetos e sinais. Desse modo, a criatividade pode ser definida como um processo criativo que exige deixar as margens seguras do aqui-agora e do conhecido para mergulhar no desconhecido, possibilitando à imaginação criar novas reflexões sobre a vivência. A criatividade pode ser considerada também como um “processo sociocultural complexo que, através de trabalhos com materiais culturalmente impregnados, leva à geração de artefatos que são vistos como novos e significativos” (GLAVEANU, 2010, p. 87).

Nas últimas décadas, os estudos sobre imaginação têm se direcionado na valorização de sua influência no contexto sócio histórico e cultural. Nesta perspectiva, o ambiente escolar torna-se um espaço de produção, em que deveria possibilitar ao aluno estímulos visando (i) valorizar produtos e ideias criativas; (ii) considerar seus interesses e habilidades; (iii) perceber o erro como uma das etapas de aprendizagem entre outros. Quanto aos professores, sugere-se que na sala de aula seja elaborado um ambiente prazeroso para a experiência de aprendizagem do aluno, além de pensar sobre a inserção de estratégias de ensino, tais como: (i) vincular os conteúdos das disciplinas com as



experiências vivenciadas pelos aprendizes e (ii) criar um espaço para divulgar os trabalhos produzidos pelos mesmos (FLEITH, 2001).

METODOLOGIA

Realizou-se uma revisão de literatura e investigações bibliográficas sobre o conceito de imaginação a partir da perspectiva da Psicologia Cultural. Com a apresentação dos conceitos de modo breve, buscou-se relacionar com a temática do ensino e observar de que forma poderiam auxiliar no desenvolvimento da aprendizagem para crianças, além de provocar uma reflexão sobre a prática exercida pelos docentes que poderiam utilizar desses processos cognitivos para ponderar sobre sua didática.

A seleção do material utilizado como referência nesse resumo partiu de autores renomados que tem em seus estudos um grande aporte teórico sobre os conceitos supracitados. Sendo referência na área de estudo dos Processos cognitivos com ênfase mais sócio-histórico cultural.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de uma perspectiva sociocultural, abordagem com maior ênfase neste resumo, a imaginação é compreendida como um processo que conecta eventos passados com eventos presentes e até antecipa momentos futuros com base nesse passado (prolépsis). As interpretações, baseadas em vivências passadas, são o que permitem a transformação do meio; encontrando a solução de problema (ZITTOUN; SAINT-LAURENT, 2015).

Deste modo, a imaginação utiliza de experiências, memórias e elementos semióticos para preencher as lacunas e fragmentos existentes no ato de pensar. A imaginação aparece como uma exploração de alternativas possíveis – um *loop* do aqui- agora para outros tempos e lugares, para em seguinte voltar a enriquecer o aqui- agora – proporcionando assim uma expansão e preenchimento da experiência. O movimento de *loop* feito no momento de expansão proporcionado pela imaginação ocasiona em uma ruptura no qual o indivíduo amplia as possibilidades para as situações vivenciadas. Assim sendo, a imaginação possibilitaria *loops* nos quais a pessoa se desconectaria do fluxo contínuo da experiência e exploraria um mundo alternativo ou potencial. Os *loops* imaginários podem ter diversas formas e direções, permitindo que os sujeitos voltem à pontos de partida reais.



Essa direção, segundo Vygotsky (2012), é culturalmente guiada e a concepção de imaginação desenvolvida pelo autor, ocorreria como uma expansão da experiência e observou que a criatividade e a imaginação são processos pertencente a um mesmo fenômeno. Esses processos promovem no ser humano uma orientação voltada para o futuro alterando seu presente. A ação de se deslocar temporalmente é chamada de imaginação, elemento base, segundo o autor, de toda atividade criativa. Os autores, Zittoun e Cerchia (2013), referem que essa natureza temporal da existência humana implica um desajuste, uma fragmentação entre a compreensão do mundo e sua real forma. Este desajuste/diferença pode ser visto como um movimento que desencadeia a imaginação e a criatividade.

O ato de imaginar e a ação criativa estariam, então, conectados com as experiências e perspectivas da criança transcorrendo por uma elaboração artística que circunda esses processos. E no jogo de imitação a criança expressaria suas impressões exteriores em um movimento de deslocamento, transmitindo ao ambiente elementos íntimos. No ato de brincar, surgiria qualidades, como o heroísmo e a gentileza, em que a criança cria situações com essas qualidades sendo postas em jogo, além da possibilidade de apresentar um produto criativo para experiências imaginárias e, estas, tornam-se ações nas dramatizações (VIGOTSKI, 1896).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Vygotsky (2012) a escola atuaria como coparticipante no jogo de criação infantil, com papel crucial no desenvolvimento dos alunos, através da expressão e ideias livres nas representações. Sendo necessário refletir sobre os modelos utilizados no aprendizado das crianças, à medida em que se busca proporcionar um desenvolvimento infantil livre nas margens do que o restringe.

Ressalta-se, portanto, a importância de profissionais que tenham um embasamento teórico e prático ao explorarem trabalhos que incluam atividades com elementos manuais diversos que possibilitem a produção de artefatos elaborados de forma livre a partir do processo imaginário da criança, como registra o conto de Buckley (s.d): [...] “deixando de lado as tradicionais flores vermelhas de caule verde e os pratos redondos de barro”. Ao mesmo tempo, os educadores precisam ter o olhar atento e observar o comportamento das crianças, para que propostas possam ser



refletidas a fim de ampliar e contribuir para uma aprendizagem mais fluida para as crianças.

Palavras-chave: Imaginação; Criatividade; Prática escolar; Psicologia Cultural.

REFERÊNCIAS

BUCKLEY, Helen. **O menino e a rosa**. (s.d). In: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Laboratório de Estudos e Pesquisa Transdisciplinares (LEPTRANS). Disponível em: <<http://www.ufrj.br/leptrans/textos.htm>>. Acesso em: 04 jul, 2018.

FLEITH, D. S. Criatividade: novos conceitos e idéias, aplicabilidade à educação. In:

Revista Educação Especial, Santa Maria, p. 55-61, abr. 2012.

GLAVEANU, V. P. Paradigms in the study of creativity: Introducing the perspective of cultural psychology. **New Ideas in Psychology**, 28, 79-93. 2010. doi: 10.1016/j.newideapsych.2009.07.007

KUBISZESKI, G. F. **O conceito de imaginação do *de anima* de Aristóteles**. 2013. 59 f. Monografia (Departamento de Filosofia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

VYGOTSKY, L. S. **Imaginação e Criatividade na Infância** (1ª ed.). Portugal: Dinalivro, 2012.

ZITTOUN, T.; CERCHIA, F. Imagination as Expansion of Experience. In: **Integr Psychol Behav Sci.**, v. 47, n. 3, New York, p. 305-324, set. 2013. doi: 10.1007/s12124-013-9234-2.

ZITTOUN, T.; SAINT-LAURENT, C. Life-creativity: imagining one's life. In: **Rethinking creativity: Contributions from cultural psychology**, p. 58-75, 2015.